

Depois das cinzas

Josimey Costa *

Ela abriu os olhos agora escuros.

Foi como se um mar noturno invadisse uma porção muito seca de terra, primeiro embebendo cada grão de areia, um por um, inchando suas individualidades incomunicáveis, e depois afogando tudo numa mesma consistência líquida e indistinguível. Cada grão continuava lá, sendo grão: imiscível em sua natureza no fluido. A areia de tantos grãos pode até turvar o mar, mas onde há mar, será sempre o mar. O mar são ondas perseguidas pela espuma, além de qualquer solidez que vare, de dentro para fora, a sua superfície. O mar nunca é areia.

A boca articulava vocábulos que não se ouvia.

Aqueles lábios e dentes e língua se moviam numa harmonia quase estética e completamente inútil. Às vezes, paravam, e isso era apenas um contraponto para aquela articulação tanto sirênica quanto inaudível. Noutras, aceleravam o ritmo ao ponto da saturação visual. Era como se, além de muda, aquela boca fosse também imóvel.

As mãos, no entanto, denunciavam uma raiva subterrânea.

Eram mãos pequenas e de pele amassada. Sulcos vincavam as palmas sem serem leitos para a corrente que fluía do outro lado, no dorso, dentro de veias grossas e azuis. Unhas curtas e espessadas pelo tempo arrematavam dedos finos. Essas mãos estavam sempre suspensas no ar e projetadas para a frente, como vigas dividindo paredes ou como istmos que acabassem em meio ao oceano. Desafiavam a gravidade invariavelmente apontadas para todo possível interlocutor, absolutamente frágeis, absurdamente ameaçadoras. Os raros momentos de repouso mostravam mãos vencidas.

A raiva, quando emergia, era um incêndio no centro de um vendaval disseminando labaredas para onde soprasse. Tudo se consumia nesse imenso hálito de fogo. Até ela.

Mas as coisas não foram sempre assim.

Os olhos eram claros, antes. A boca sorria com frequência, alternando silêncios e palavra fácil. As mãos, lisas, teciam múltiplos gestos. Ninguém a olhava com o espanto e o medo de agora. Na verdade, ninguém a olhava. Os olhares escorriam por seu corpo como se ele fosse inteiramente escorregadio e irrelevante. Suas palavras se perdiam na surda e multifônica balbúrdia dos que não a olhavam. Seu silêncio mais eloquente significava a mesma coisa para os mais próximos ou para os mais distantes: nada. As mãos pequenas e ágeis se gastaram nos gestos sem ressonância até, por fim, se enrijecerem naquele que vezes sem conta se repetiu.

A escuridão dos olhos, a mímica insensata da boca e a rijidez das mãos corresponderam ao desaparecimento de um ser tão leve que não deixou marcas. Essa substância de delírio raivoso que anima o antigo corpo é o mesmo e um novo ser. Os vestígios de qualquer amenidade estão agora incongruentes. O silêncio tornado ausência de palavras ainda significa nada, mas atira dardos de uma realidade crua e primal em todas as direções. Ninguém está chamado a perceber. Não há quem consiga deixar de notar.

Só que isso, para ela, não faz mais nenhum sentido.

